

Entre o silêncio e o alarido: Wittgenstein na Ciência da Informação¹

Gustavo Silva Saldanha (UFMG)

Resumo: Discute, através de uma breve revisão da literatura epistemológica da Ciência da Informação, a presença de Wittgenstein no âmbito dos estudos informacionais. Traça um perfil histórico-biográfico e filosófico do filósofo vienense. Identifica e analisa os principais pontos de influência da obra do autor dentro da tradição física e cognitiva da Ciência da Informação e da tradição pragmática.

Palavras-chave: Epistemologia. Ciência da Informação. Wittgenstein. Pragmatismo. Fisicalismo.

Abstract: It research, through a brief review of the literature of CI' epistemology, the presence of Wittgenstein in the informational studies. It presents a historic biographical philosophical profile of the viennese philosopher. It identifies and analyzes the main points of influence the work of the author in the CI' physical and cognitive traditions and the pragmatic tradition.

Keywords: Epistemology. Information Science. Wittgenstein. Pragmatism. Fisicalism.

¹ Comunicação oral apresentada ao GT-01 - Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação.

1. Introdução

Em sua revisão epistemológica sobre a Ciência da Informação – CI -, Capurro (2003, p. 5) abordará a presença do filósofo Ludwig Wittgenstein nos estudos informacionais como “lamentavelmente pouco profunda”¹. González de Gómez (2002) indicará, por sua vez, no âmbito da virada pragmática da CI, a influência da teoria dos jogos de linguagem de Wittgenstein. Trata-se de duas, dentre incontáveis evidências, oriundas de diferentes ramos do conhecimento, que revelam a importância do pensador austríaco para a filosofia contemporânea.

Partindo da epistemologia e da filosofia, o olhar wittgensteiniano percorre atualmente diferentes áreas do conhecimento, como Psicologia, Lingüística e Sociologia, ganhando cada vez mais releituras e interpretações. O autor construiu uma reflexão que direciona a filosofia para o estudo da linguagem, identificando nesta última instância a fonte dos grandes problemas do pensamento. Analisada por vezes como polêmica e confusa, sua obra é em geral demarcada por duas fases distintas, mesmo estando ambas voltadas para a exploração da relação entre filosofia e linguagem - o primeiro Wittgenstein, positivista lógico; o segundo, pragmatista².

No âmbito da CI, o nome do filósofo começou a aparecer mais explicitamente nas recentes movimentações em sua epistemologia. Mais especificamente, o pensamento do segundo Wittgenstein penetrou nas manifestações teóricas que podem ser reunidas sob a noção de tradição pragmática³. É assim que o pensador figurará entre as referências e comentários – ou implicitamente em abordagens de interpretação - de trabalhos como aqueles de Brier (1996), Frohmann (1992) e González de Gómez (1996, 2002), como aparecerá na revisão de Capurro (2003) na seção em que o autor problematiza o que classifica como paradigma social da CI. No entanto, é possível reconhecer manifestações implícitas do primeiro Wittgenstein dentro da epistemologia da CI. A tradição física, considerada por uma parte da historiografia informacional⁴ como plataforma teórica que concebe o nascimento de uma ciência para a informação, apresenta sensíveis elementos que estão intimamente ligados ao pensamento positivista lógico do filósofo austríaco. Este trabalho pretende contribuir para a compreensão das influências e reflexos do pensamento de Wittgenstein no escopo dos estudos informacionais. Para tal, buscamos, nas seções seguintes selecionar alguns dos pontos fundamentais do pensamento do filósofo e correlacioná-los com as manifestações epistemológicas que fazem uso direto ou comungam, de maneira não explícita, das visões wittgensteinianas sobre o conhecimento.

2. Ludwig Wittgenstein e sua filosofia

Wittgenstein nasceu em uma Viena marcada pela ascensão da cultura da modernidade – os burgueses adquiriam os castelos e dedicavam-se ao mecenato (JANIK; TOULMIN, 1991, p. 38) - e pela decadência do Império Austro-Húngaro, uma imensa organização política que podia receber as mais diferentes denominações, como Kakania e Casa de Habsburgo, mas nenhuma conseguia responder pela multiplicidade de seus povos e pela fragilidade de suas fronteiras. Desta forma, na Viena de 1900, debater o tema “representação”, no âmbito da linguagem, era algo circunstancial. (JANIK; TOULMIN, 1991, p. 1;5;21)

“A formação intelectual de Wittgenstein foi marcada pela reflexão filosófica” (MONK, 1995, p. 38), uma reflexão que se aproximava diretamente da filosofia da ciência, ao questionar as possibilidades das formas de conhecimento. Em seus deslocamentos, o filósofo entrará em contato com Frege e Russel⁵ – atores da filosofia com quem mais tarde romperia. Estes

importantes encontros biográficos, somados a muitos outros, intensificarão seus questionamentos sobre lógica e linguagem. Nos primórdios de sua reflexão, o jovem Wittgenstein acreditava existir uma ordem “a priori” no mundo. Para isto, concebe este como uma reunião de fatos – a reunião de coisas que mantém uma relação lógica entre si.

No princípio de suas argumentações, para Wittgenstein o mundo possuía uma estrutura fixa (MONK, 1995, p. 126-127). Estas reflexões são as marcas teóricas de sua primeira fase, definida pela publicação do Tratado Lógico-Filosófico, escrito entre 1917 e 1918, e publicado em 1921, com o filósofo combatendo na Primeira Guerra Mundial⁶. A preocupação com os termos e seus significados é, nesta obra, discutida por Wittgenstein a partir de fundamentos lógicos, na busca por uma essência para os usos da linguagem. Para Janik & Toulmin (1991), o filósofo procurava dar a linguagem científica um fundamento seguro⁷.

Como afirma Oliveira (2002, p. XXIII), no Tratado, “a lógica forma (...) o quadro de estruturação do nosso conhecimento do mundo, pré-existente”. Deste modo, “a investigação lógica significa a investigação de toda regularidade; fora da Lógica tudo é aleatório, acidental” (p. XXVIII). O próprio prefácio de Bertrand Russel (2002, p. 2-3) para a obra corrobora esta procura lógica: Wittgenstein “ocupa-se das condições necessárias a um simbolismo preciso, i.e., um simbolismo na qual uma frase significa qualquer coisa de definido”. Em outras palavras, “toda a função da linguagem é ter sentido” e ela “só satisfaz esta função na medida que se aproxima da linguagem ideal postulada” (RUSSEL, 2002, p. 2-3)⁸.

O Tratado Lógico-Filosófico – que chegou a ser interpretado como um poema lógico (EDMONDS; EIDINOW, 2003, p. 239), ou “filosofia do dizível e do indizível” (HALLER, 1990, p. 38), ou ainda “proeza ética” (JANIK; TOULMIN, p. 195) – é organizado a partir de amplas categorias de macro-proposições que desencadeiam a hierarquia de proposições e sub-proposições. Para Wittgenstein (2002, p. 29), nesta obra, “o mundo é totalidade dos fatos” e estes são “a existência de estados de coisas”. Como na Lógica “nada é acidental”, “se uma coisa pode ocorrer num estado de coisas, então a possibilidade do estado de coisas tem que estar já pré-julgada na coisa” (p. 30). Está assim nas coisas “a possibilidade de todas as situações” (p. 32), ou seja, o filósofo confere às coisas e à ordem lógica das coisas com os fatos aquilo que pode ser compreendido.

Assim, “a substância é o que permanece independente daquilo que é o caso” (p. 33). O pensamento – o nosso caminho para a compreensão – é “a imagem lógica dos fatos” (p. 39)⁹, o que permitiria-nos afirmar que “um pensamento correto a priori, seria um pensamento cuja possibilidade condicionaria a sua verdade” (p. 39). O sentido está, desta maneira, nos fatos, e o “nome denota o objeto” (p. 41) - há uma relação lógica pré-existente entre ambos. A partir desta relação lógica, é possível chegar ao conhecimento – cada palavra possui o seu significado e deve ser empregada segundo esta essência, caso contrário conduz-no ao enfeitiçamento, ou nos leva até o ruído na linguagem que obstrui e retarda a comunicação, para usar a metáfora de Shannon & Weaver (1975). Desta maneira, o que não se pode falar, deve ser silenciado. O ruído prejudicial à lógica de expressão dos termos deve ser, através do estudo lógico da linguagem, neutralizado. O silêncio - o a priori da comunicação - deve ser compreendido, para que a fala seja possibilitada.

Findada a guerra, com dificuldades para publicar o Tratado, o filósofo parte para uma pequena cidade austríaca, Trattenbach, onde passa a dar aulas para crianças (MONK, 1995, p. 183-184). Durante a década de 1920, enquanto o Tratado Lógico-Filosófico começava a reverberar – os estudos no Círculo de Viena¹⁰ começam a conferir grande ênfase à obra, a partir de 1929; neste mesmo ano, o citado livro de Wittgenstein é aceito como tese por Moore e Russel

(MONK, 1995, p. 250) – e, ainda neste período, a preocupação com a linguagem faz o filósofo construir e publicar um dicionário junto de seus alunos, baseado na experiência de suas aulas (MONK, 1995, p. 211), ou seja, baseado em uma “gramática primitiva” (WITTGENSTEIN, 1992a), e não oficial. É sua aproximação ao pragmatismo em nítido andamento. O dicionário para crianças do ensino fundamental usava dialetos do interior da Áustria e respeitava a diversidade da cultura local, isto é, suas narrativas. Aqui, há o reconhecimento filosófico de que a linguagem pode ser usada pelas comunidades sob múltiplas formas, e todas podem configurar-se como perfeitamente válidas, desde que coerentes com o cotidiano de seu uso.

Em 1932, o traço antropológico do método filosófico de Wittgenstein começou a aparecer¹¹ (MONK, 1995, p. 240). É a partir deste período que o filósofo começa a discutir o que se tornaria um de seus principais conceitos: os jogos de linguagem. A princípio, este conceito apareceria como um método: Wittgenstein imaginava, dentro das salas de aula, inúmeras situações de uso das palavras, inúmeros contextos, e a partir das possibilidades de uso destas palavras, “jogava” com situações diferentes, ou cenários de vivência das palavras, estas possibilidades. A “técnica” filosófica será posteriormente interpretada como uma terapia, uma terapia que procurava “libertar” a linguagem das “confusões filosóficas”, decorrentes da abordagem que considerava “a linguagem à parte do seu lugar na corrente da vida” (MONK, 1995, p. 299). Este método ganhará a caracterização de conceito em seus textos seguintes e definirá o perfil filosófico de seu pensamento: a obra wittgensteiniana posterior ao Tratado é marcada pela análise exaustiva de palavras e seus contextos possíveis, pela ampla exploração dos mais diversos jogos de linguagem, ou atmosferas sociais de uso das palavras.

Na primeira metade da década de 1930, Wittgenstein oferece aulas para um grupo seletivo de alunos. A compilação de suas aulas será registrada nas publicações Livro Azul e Livro Marrom. As duas obras ampliam a discussão pragmática iniciada na década anterior pelo filósofo, argumentação que irá até os escritos finais do filósofo, como a reunião de textos do título Da Certeza, redigidos no último ano de vida de Wittgenstein. No Livro Azul¹² é incorporada a esta reflexão a noção de “semelhanças de família”, um possível substituto do conceito de “essência”, apresentado no Tratado Lógico-Filosófico. Se a essência no primeiro Wittgenstein passava por uma “ânsia de generalização”, com as semelhanças de família o filósofo conferia um olhar relativista sobre a filosofia e a sua linguagem. No Livro Marrom,¹³ Wittgenstein intensifica seu método filosófico, aprofundando o conceito de “jogos de linguagem”. (MONK, 1995, p. 304-310).

O que dificulta o estudo dos jogos de linguagem é a histórica busca por generalidade que os filósofos e cientistas têm praticado, a busca por essências comuns ao mundo, pela ordem “a priori” da realidade social (WITTGENSTEIN, 1992a, p. 47), como o fizera o próprio Wittgenstein em seu Tratado. Para tal, o filósofo apresenta as definições que repercutiram em toda a sua obra: “o sentido que tem para nós numa expressão é caracterizado pelo uso que dela fazemos. O sentido não é um acompanhamento mental da expressão” (p. 113); e “o uso da palavra, na prática, é o seu sentido”. (WITTGENSTEIN, 1992a, p. 118)

No final dos anos 1930, Wittgenstein prepara o texto que viria a constituir a obra que marca o que muitos autores reconhecem como o núcleo da segunda fase de seu pensamento, as Investigações Filosóficas. No entanto, com a Segunda Guerra Mundial, não consegue fechar a obra que desde 1938 vinha desenvolvendo (MONK, 1995, 369). Esta obra, que o filósofo não verá publicada, chegará até os leitores como uma condição provisória deixada por Wittgenstein em 1949. (MONK, 1995, p. 483)

Wittgenstein se aproxima, nas Investigações Filosóficas, da linguagem cotidiana¹⁴ – a linguagem primitiva –, apreendendo-a não como uma classe de informações, mas como um

“modo de falar”, ou seja, o “contexto de linguagem e ação” (WALLNER, 1997, p. 60). Nas Investigações Filosóficas o filósofo define a concepção de linguagem como ação. (WALLNER, 1997, p. 73). “O uso situa-se no caminho da ação; ele recebe seu sentido da ação” (WALLNER, 1997, p. 74).

O anti-dogmatismo de Wittgenstein é agora explicitamente evidenciado. “Não há um método da filosofia, mas sim métodos” (1979, p. 58). Ou seja, “uma causa principal das doenças filosóficas – dieta unilateral: alimentamos nosso pensamento apenas com uma espécie de exemplos” (1979, p. 156-157). Do mesmo modo, a posição anti-representacional do filósofo também é afirmada. “Em lugar de representabilidade pode-se aqui dizer também: apresentabilidade num meio determinado de apresentação” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 124). A vida não está nas palavras, mas no diálogo dos homens e seus jogos de linguagem. “Todo signo sozinho parece morto. O que lhe dá vida? - No uso, ele vive” (WITTGENSTEIN, 1979, p. 131). Além, disso, o anti-essencialismo wittgensteiniano é nas Investigações Filosóficas determinado. A lógica não mais pode responder pela precisão do mundo. “O significado agora é praxiológico e não lógico”. (HALLER, 1990, p. 130)

Na base deste pensamento da segunda fase de Wittgenstein está a idéia de que a racionalidade realiza-se em uma forma de vida, ou seja, em um determinado contexto de troca de informações, joga-se – ou fala-se, gesticula-se – uma determinada linguagem que permite a construção de constatações. A linguagem, ferramenta da comunicação, é aqui vista como uma teia, uma estrutura flexível, que se estende através de semelhanças de família, indícios ou aproximações de elementos que permitem a expansão da própria teia. Não há, pois, uma estrutura ideal; há estruturas contextuais, formas de vida.

O que define um jogo de linguagem não é o caráter estático de suas características, mas, sim, a dinâmica de possibilidades dessas características dentro de um certo jogo e sua relação com outros jogos (CONDÉ, 2001). Os processos comunicativos chamados de jogos apresentam semelhanças que definem suas relações. Estas serão chamadas de semelhanças de família, ou seja, noções comuns que formam uma rede complexa que possibilita a comunicação entre os indivíduos desse grupo (WITTGEINSTEIN, 1979, p. 43). Essa teia que reúne semelhanças constitui, pois, uma gramática, ou seja, um conjunto de regras sociais dinâmicas para o uso de determinada linguagem – a própria gramática, nos revela Hebeche (2003), é como uma terapia: visa desfazer as ilusões que pretendem corrigir as regras de linguagem por meio de regras de cálculo precisas e externas a ela. A gramática diz respeito a uma forma de vida, ou seja, um sistema de comunicação (WITTGEINSTEIN, 1979). A forma de vida apresenta-se como um sistema aberto, pois sua gramática pode trocar semelhanças com gramáticas de outras formas de vida (CONDÉ, 2001). Desta forma, só se pode estudar uma determinada linguagem a partir dos usos que certa comunidade fazem dela, isto é, investigando sua forma de vida, o solo áspero das relações sociais. Em outras palavras, o ruído que, em uma estrutura lógica, deve ser neutralizado, agora precisa ser, antes, reconhecido e investigado – e, principalmente, escutado¹⁵. É nele, naquilo que não se silencia, nas palavras que têm uma vivência explícita no cotidiano dos indivíduos, na “poluída” colcha de significados das narrativas, que estão as possibilidades de conhecer o mundo.

3. Estudos do silêncio: Wittgenstein e a teoria matemática da informação

No estudo epítêmico-cartográfico de Capurro de 2003, o paradigma físico, que constituiria para o pesquisador e muitos outros autores da área o marco teórico da CI, nasce diante dos primeiros embates ligados à explosão informacional e à emergência da recuperação da

informação. Este campo, tendo como estrutura a teoria da informação de Shannon e Weaver e a Cibernética de Wiener, postula que há um objeto físico, uma mensagem, que um emissor transmite a um receptor e, sob certas condições ideais, é univocamente reconhecido.

Em sua divisão da CI, outra divisão trifocal, Azevedo Netto (1999, p. 134) registra a área em três etapas distintas: a primeira caracterizada como uma engenharia de processos eletro-eletrônicos de troca de sinais, conforme a teoria matemática de Shannon & Weaver (1975); a segunda, influenciada por uma sociologia da ciência, com o uso da bibliometria e da cientometria; a última, ligada à aproximação de maior intensidade às teorias e métodos das ciências sociais, principalmente no campo de estudo de usuários.

No trabalho de Réndon Rojas (1996), a representação trifocal dos paradigmas da CI, apresentada por Capurro (2003) e outros historiadores da ciência dentro dos estudos informacionais, ganha um outro mapeamento e uma diferente terminologia. Para o pesquisador, a área é dividida em: a teoria sintática da informação, a teoria semântica da informação e o enfoque pragmático da informação. A teoria sintática relaciona-se com o paradigma físico de Capurro (2003) e revela a informação como forma, ligada a engenharia e a tecnologia. Os trabalhos de Shannon e Weaver constituem a base dessa teoria. A teoria semântica da informação está ligada ao pensamento de Carnap e Bar-Hillel, veiculado à lógica indutiva de probabilidades ou lógica proposicional. Essa teoria postula a possibilidade de interpretação do significado de informação de uma maneira extensional, que enxerga o contexto e a intencionalidade. (RENDON ROJAS, 1996)

Podemos chamar de uma tradição física o que os mencionados autores classificariam como teoria sintática, paradigma físico, abordagem das medidas de informação sintática, ou da engenharia de processos informacionais. Estas categorias são manifestações de uma tradição no pensamento informacional com fortes tendências matemáticas e estatísticas – neste conjunto de traços narrativos que trocam semelhanças de família, aspectos de diálogo conceitual – os estudos sobre agregação e deterioração da informação, desenvolvimento de medidas e otimização dos processos informacionais, aperfeiçoamento de linguagens artificiais, cálculos e análises estatísticas e de algoritmos da informação, todas essas práticas bastante relacionadas com análises bibliométricas¹⁶. São, em outro olhar, estudos informacionais que visam a obtenção de resultados silenciosos, ou seja, destituídos de ruídos da dinâmica sócio-política de atuação dos homens, como ideologia, emoção e preconceito.

A partir da construção das tecnologias da informação e da comunicação percebe-se uma caminhada em busca da decifração da informação e o seu controle. No século XVII, nos narra Mostafa (1996, p. 39)¹⁷, uma tecnologia, o microscópio, permitirá ao olhar penetrar nos “pistilos e cotilédones das plantas”. Através do microscópio a palavra pode designar com mais acuidade, com mais precisão, aquilo que realmente existe – uma linguagem ideal, ou representação ideal, pode ser imaginada. Também no século XX, com a engenharia computacional, a informação passa a ser interpretada como um sinal, como algo que podem as máquinas representar e controlar. Como na filosofia do Tratado Lógico-Filosófico de Wittgenstein – ou seja, o primeiro Wittgenstein -, a filosofia que sustenta a tradição física da CI é o estabelecimento das condições “a priori” de possibilidade da informação e, por extensão, das possibilidades do conhecimento.

Como nos lembra Wallner (1997, p. 28), “a fixação da realidade em alternativas sim-e-não”, como acontece na concepção do Tratado, antecipa – mas somente, em princípio, não nos métodos particulares – o procedimento ao qual a teoria da informação segue na captação quantitativa de informação. A preocupação estará na acuidade e no essencialismo da possibilidade de meta-representação do conhecimento e seus artefatos.

Guzmán Goméz (2005) revela que a base positivista e neo-positivista da tradição física é marcada pela matematização e pela medição rigorosa dos fenômenos, tanto aqueles físicos e biológicos, como os sociais e humanos. A busca pelo ideal científico da objetividade leva Shannon & Weaver (1975) a apreender, como anteriormente apontado, a informação como um bit, buscando assim, as possibilidades de exatidão, precisão e eficiência na transmissão desta unidade coisificada. Assim, como afirma Azevedo Netto (1999, p. 133), inicialmente, as questões científicas da tradição da CI diziam respeito aos fenômenos naturais. Esta relação tem sua razão de ser, dentre outros motivos, pois na tradição física vê-se a aproximação de engenheiros e matemáticos para o tratamento da informação. (SOKOL; RIVIERA, 2006)

Em Shannon & Weaver (1975) estão as bases de uma teoria sintática. Independente das margens histórico-sociais de influência do pensamento do primeiro Wittgenstein, percebe-se como o positivismo lógico da primeira fase do pensamento do filósofo tem nos autores um discurso paralelo¹⁸. Na teoria matemática da informação elaborada pelos autores o conceito de informação é uma noção de forma, ou seja, sintática. Esta teoria teve sua origem nos estudos de engenharia e tecnologia da comunicação e trata de formular bases quantitativas para a investigação da informação. Na teoria matemática, a quantidade de informação é considerada independente do conteúdo semântico. A informação é definida estatisticamente de acordo com o número de mensagens no repertório da fonte com base na quantidade de sinais que esta dispõe. (REDÓN ROJAS, 1996)

Como observa González de Gómez (1996), a teoria matemática da informação acontece no momento de interpretação sintática dos fenômenos e processos de informação, e marcaria, no plano sintático de definição e análise da informação, o limite de intervenção tecnológica na CI. Trata-se, no entanto, de uma formulação que está direcionada para dois pólos específicos: a fonte e o destinatário. Elementos intermediários no processo de aquisição de informação ficam ausentes na fórmula da quantidade de mensagens, como codificador, emissor, ambiente, decodificador. O canal por onde Shannon & Weaver (1975) imaginam a passagem da informação é, nessa fórmula, um meio ideal, onde os ruídos são entidades físicas como a informação sintática, passíveis de controle. No “interior” das tecnologias da informação, apenas ocorrem processos sintáticos, onde o significante passa por diferentes etapas, desde sua incorporação ao sistema até sua saída. No entanto, em momento algum, para a máquina, deixa de ser significante¹⁹.

Zunde & Gehl (1972), Brookes (1980c), Shera (1980), dentre outros, já anunciam que a teoria matemática previa uma compreensão limitada para os estudos de organização do conhecimento, mais útil à área de engenharia de sistemas de comunicação, telecomunicação, computadores. Ela deixava à margem da discussão os níveis semânticos e pragmáticos de análise. Nas palavras de Goffman (1970), a teoria matemática tratará principalmente dos problemas técnicos da investigação informacional – deixando de lado as questões do comportamento – resposta dada pelo cognitivismo - e da representação da informação. A grande procura é pelo controle lógico daquilo que é considerado um problema para a informação: o próprio excesso de mensagens nos canais. Trata-se, em última análise, de um estudo do silêncio – a metáfora do canal livre de ruídos que prejudicam a comunicação -, para, enfim, compreender o que, ao falar, verdadeiramente “informa”, como imagina o primeiro Wittgenstein (2002).

4. Estudos do alarido²⁰: Wittgenstein e o pragmatismo informacional

Em 1993, Gernot Wersig observa a transformação no ângulo de atenção da epistemologia da CI. De um olhar orientado para a técnica dos sistemas para uma visão orientada para o

homem/usuário, acompanhada de uma abordagem cognitiva e novas características baseadas na observação dos homens (WERSIG, 1993, p. 229). Segundo Azevedo Netto (1999, p. 134), neste complexo de discursos, para a CI, a informação “não é mais considerada unicamente como sinônimo de sinais elétricos, passando a ser considerada também, enquanto o estudo da produção, processamento e uso da informação, uma atividade exclusivamente humana”. Buckland & Liu (1995) lembrarão que, no contexto dos anos 1990, se contesta na CI a dominação do positivismo lógico e a negligência à estrutura intelectual da área começa a ser revista, ampliando assim na epistemologia informacional o criticismo ao positivismo e às ciências cognitivas. Mostafa & Maranon (1992, p. 206) afirmarão, criticamente, neste ambiente de ampla movimentação epistemológica: “a informação não é, pois, um tijolo a mais na construção cognitiva. (...) Ao invés, a informação está implícita no saber como práxis social”. A CI, ligada à positividade lógica do conhecimento, fundamentada pelo Círculo de Viena, voltará seus olhares para a Retórica, como convocava Capurro (1992) e alertava Reis (1996) – ou seja, se movimentará, no que diz respeito à tradição pragmática, dos números à palavra; da matematização da linguagem para a iluminação das narrativas.

Uma certa abordagem pragmática – ou social – reunirá, pois, autores que passam a interpretar explicitamente a informação através de um viés sociológico-antropológico, que vê em conceitos como o de cultura e de sociedade os caminhos mais eficazes para a aproximação a realidade informacional. Nesse aspecto, aqui encontrarão traços de similaridades os trabalhos de Hjorland (1995, 2002a, 2002b), Capurro (2003), Araújo (2001), Azevedo Netto (2006). Além dos citados, aparecerão nesta abordagem a problematização conceitual da informação, veiculada ao pano de fundo cultural, empreendida nos trabalhos de Marteleto (1994, 1995).

Trata-se de uma tradição – mais claramente visualizada a partir da década de 1990, mas que sempre existiu na própria prática informacional, apresentando-se como uma das estruturas da área, no nome da Biblioteconomia clássica e mesmo na Biblioteconomia especializada, como também da Bibliografia textual – que procura uma CI diretamente responsável não apenas pela eficiência dos métodos e meios de armazenagem e de acesso à informação. Tem-se aqui o deslocamento epistemológico caracterizado por Araújo (2003) como uma perspectiva crítica que apresentará a historicidade como um dos fundamentos para a compreensão dos fenômenos que envolvem a informação.

O pragmatismo informacional encontra, no pensamento de Wittgenstein, fonte coerente para construir suas justificações e demarcações. Como afirma Capurro (2003), identificar-se-á no filósofo vienense – no “segundo” Wittgenstein – antiepistemologias ou pragmatologias, isto é, um aprofundamento nas circunstâncias de ação de um pré-conhecimento prático. Esta aproximação é percebida por Rendón Rojas (1996), que discute Wittgenstein dentro dos estudos epistemológicos da informação. Rendón Rojas (1996) aponta para o enfoque pragmático, abordagem que procura investigar o uso que é feito da informação pelos usuários. No mesmo processo de aproximação, González de Gómez (1996) entende que este enfoque vê a elaboração e o desdobramento do conceito do contexto, além da percepção da subjetividade, noção que encontraremos ecoada no pragmatismo wittgensteiniano.

A racionalidade, no pragmatismo de Wittgenstein (2002, 1992a, 1992b), não surge de uma formulação essencial da lógica. Ela se dá a partir de uma forma de vida, ou seja, uma “rede multidirecional flexível que se estende através de semelhanças de família”, uma teia que, ainda que flexível, “é suficientemente forte para possibilitar a constituição de critérios de racionalidade que, embora não sejam absolutamente precisos, são suficientemente precisos para as nossas necessidades” (CONDÉ, 2001, p. 23). Uma gramática e seus incontáveis jogos de linguagem constroem as possibilidades de estabelecimento destes “critérios de racionalidade”, que permitem

compreensões mútuas, compartilhamento de interpretações e identificação por outras formas de vida (CONDÉ, 2001, p. 25). As características fundamentais da linguagem, percebe Condé (2001, p. 95), estão na noção de regra como “produto de uma práxis social”, convenção ou criação social, ou seja, as regras surgem a partir de “padrões de comportamento”, de “hábitos”, “costumes”, “instituições”.

No âmbito da CI, os estudos do alarido, ou seja, a escuta e participação do contexto de construção das trocas informacionais, onde a informação é criada e interpretada, são verificados, por exemplo, em manifestações teóricas como a epistemologia social, de Shera (1980), a análise do domínio, de Hjorland & Albrechtsen (1995), da antropologia da informação, de Marteleteo (1995). Aqui investiga-se o solo áspero – ruidoso - de uso da informação, a atmosfera de troca, ou ainda, o *a posteriori* das práticas informacionais. São abordagens menos atentas a uma possível essência determinante da informação, e mais preocupadas com a experiência de uso e circulação da informação – as narrativas. Em outras palavras, como no pragmatismo wittgensteiniano, importa mais a dinâmica dos processos de transferência da informação que a possibilidade de fixação da meta-representação de objetos do conhecimento. Importa mais a informação enquanto conceito subjetivo, o alarido produzido pela mutante e incessante atividade humana de comunicação. É nele que se pode aplicar uma hermenêutica para informação, como visualizado por Capurro (1992).

5. Considerações finais: a história da CI após o silêncio

Procuramos neste trabalho realizar uma pequena revisão da biografia e da obra de Ludwig Wittgenstein, com o intuito de posicionar as influências do autor no âmbito da epistemologia da informação. Notamos como, ainda que implicitamente, a tradição física da CI, bem como alguns fundamentos da tradição cognitiva, são intimamente ligados à primeira filosofia do pensador, demarcada pela obra Tratado Lógico-Filosófico. Do mesmo modo, percebemos como, de maneira explícita, o pensamento do chamado segundo Wittgenstein tem influência clara dentro de uma tradição pragmática ou paradigma social da epistemologia da CI.

Atualmente, nos estudos de organização do conhecimento, a produção epistemológica e metodológica tem sido diretamente influenciada pelas investigações do alarido informacional. São incontáveis as abordagens que exploram cada vez mais aspectos sociais e culturais dentro da CI. Desta forma, após os estudos do silêncio, fundamentalmente voltados para as análises estatísticas da informação, os trabalhos da área têm ampliado seu leque de observação. Esta evidência não inutiliza as potencialidades da análise fisicalista e cognitivista da informação. Ao contrário, expande os ângulos de investigação das diversas linhas de apreensão, ou seja, aprofunda a possibilidade de estudo da informação da CI a partir de múltiplos domínios (GONZÁLEZ DE GOMÉZ, 2002). A cybersemiótica de Brier, a teoria da poli-representação de Ingwersen e os estudos sociais da informação de Frohmann são exemplos desta evidência.

Nos estudos do alarido, no entanto, a linguagem, como teia sobre e sob a qual se desenvolve cada comunidade, ganha status de objeto de pesquisa, e o conceito de contexto é amplificado, figurando como plataforma para construção de toda e qualquer investigação. Sobressaem, deste modo, as pesquisas qualitativas, mais sensíveis aos aspectos sócio-culturais, ideológicos e linguísticos da sociedade – ou seja, mais sensíveis às narrativas. Destacam-se, para além dos estudos de representação, as análises voltadas para a transmissão da informação. Nos estudos do alarido, as comunidades e suas práticas de informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002) ou comunidades discursivas (HJORLAND; ALBRECHTSEN, 1995) e suas gramáticas

primitivas (WITTGENSTEIN, 1992a) são o horizonte fundamental das investigações informacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, E. A. A construção social da informação: dinâmicas e contextos. *DataGramZero: Revista de Ciência da Informação*, v.2, n.5, out. 2001. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out01/F_I_aut.htm>. Acesso em: 26/08/07.
- ARAÚJO, C. A. A. A ciência da informação como ciência social. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 21-27, set./dez. 2003.
- AZEVEDO NETTO, M. A. de. Informação e interpretação: uma leitura teórico-metodológica. *Perspect. Ci. Inf.*, v. 9, n. 2, p. 122-133, jul./dez. 2004.
- BORKO, H. Information science: what is it?. *American Documentation*, jan, 1968.
- BRIER, Soren. Cybersemiotics: a new interdisciplinary development applied to the problems of knowledge organization and document retrieval in information science. *Journal of Documentation*, v. 52, n. 3, p. 296-344, sep. 1996.
- BROOKES, Bertram C. The foundations of information science. Parte III. Quantitative aspects: objective maps and subjective landscapes. *Journal of Information Science*, v. 2, p. 269-275, 1980.
- BUCKLAND, Michael K.; LIU, Ziming. History of information science. *Annual review of information science and technology* (ARIST), v. 30, p. 386-416, 1995.
- CONDÉ, Mauro Lúcio L. *Wittgenstein: linguagem e mundo*. São Paulo: Annablume, 1998.
- CONDÉ, Mauro Lúcio L. *As teias da razão: Wittgenstein e a crise da racionalidade moderna*. 2001. 258 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFMG. Belo Horizonte, 2001.
- CAPURRO, R. What is Information Science for? a philosophical reflection. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Eds.). *Conceptions of Library and Information Science; historical, empirical and theoretical perspectives*. Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p.82-96.
- CAPURRO, R. Epistemología y ciencia de la información. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte, Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003.
- DUFFY, Bruce. *A guerra de Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- EDMONDS, David; EIDINOW, John. *O atiçador de Wittgenstein*: a história de uma discussão de dez minutos entre dois grandes filósofos. Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- FEITOSA, A. *Organização da informação na Web: das tags à web semântica*. Brasília: Thesaurus, 2006.
- FROHMANN, Bernd. The power of images: a discourse of images: a discourse analysis of cognitive viewpoint. *Journal of Documentation*, v. 48, n. 4, p. 365-386, 1992.

GOFFMAN, William. Information science: discipline or disappearance. *Aslib Proceedings*, v. 22, n. 12, p. 589-596, dec. 1970.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélida. Comentários ao artigo “Hacia um nuevo paradigma em bibliotecología”. *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 44-56, set./dez. 1996.

_____. Para uma reflexão epistemológica acerca da Ciência da Informação. *Perspect. Ci. Inf.*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p. 5-18, jan./jun. 2001.

GONZALEZ DE GOMEZ, M. N. Dos Estudos Sociais da Informação aos Estudos do Social desde o ponto de vista da Informação. In: Miriam de Alburquerque Aquino. (Org.). *O Campo da Ciência da Informação: Gênese, conexões e especificidades*. João Pessoa: Editora UFPB, 2002. p. 25-47

GUZMÁN GOMÉZ, Majela. El fenómeno de la interdisciplinariedad en la ciencia de la información: contexto de aparición y posturas centrales. *ACIMED*, Ciudad de La Habana, v.13, n.3, mayo-jun. 2005. Disponível em: <http://scielo.sld.cu/scielo.php?pid=S1024-94352005000300005&script=sci_arttext>. Acesso em: 17/07/07.

HALLER, Rudolf. *Wittgenstein e a filosofia austríaca: questões*. São Paulo: ed. USP, 1990.

HEBECHE, Luiz. “Não pense, veja!”. Sobre a noção de “semelhanças de família” em Wittgenstein. *Veritas*, Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 31-58, mar. 2003.

HEBECHE, Luiz. Wittgenstein e os nomes próprios. *Veritas*, Porto Alegre, v. 49, n.1, p. 93-123, mar. 2004.

HJORLAND, B.; ALBRECHTSEN, H. Toward a new horizont in information science: domain-analysis. *Journal of the American Society for Information Science*, v. 46, n. 6, p. 400-425, jul. 1995.

HJORLAND, B. Epistemology and the sócio-cognitive perspective em Information Science. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 53, n. 4, p. 257-270, feb., 2002a.

HJORLAND, B. Domain analysis in information science: eleven approaches traditional as well as innovative. *Journal of Documentation*, Londres, v. 58, n. 4, p. 422-462, 2002b.

HJORLAND, B. Empiricism, rationalism and positivism in library and information science. *Journal of Documentation*, v. 61, n. 1, p. 130-152, 2005.

JANIK, A.; TOUMIN, S. *A Viena de Wittgenstein*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

MARTELETO, Regina M.; RIBEIRO, Leila B. O que se vê e o que se entende; cultura e sujeito na nova ordem mundializada da informação. Belo Horizonte: 2º Congresso Latino-Americano de Biblioteconomia e Documentação – Escola de Biblioteconomia da UFMG – 10 a 15 abril 1994. p. 525-523.

MARTELETO, Regina M. Cultura informacional: construindo o objeto informação pelo emprego dos conceitos de imaginário, instituição e campo social. *Ci. Inf.*, Brasília, v. 24, n. 1, p. 89-93, jan./abr. 1995.

MONK, R. *Wittgenstein*: o dever do gênio. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

PINTO, P. R. M. *Iniciação ao silêncio*: análise do Tractatus de Wittgenstein. São Paulo: Loyola, 1998. (Col. Filosofia).

MOSTAFA, S. P. Filosofando sobre a área de informação. In: Simpósio Brasil-Sul de Informação; assumindo um novo paradigma acervo versus informação, 1996, Londrina. Simpósio Brasil-Sul de Informação. Londrina: UEL, 1996. v. 1. p. 31-45.

MOSTAFA, Solange P.; MARANON, Eduardo I. M. O segredo, a informação e a cidadania. *R. Esc. Biblioteconomia UFMG*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 203-212, jul./dez. 1992.

OLIVEIRA, Tiago de. Alguns comentários sobre o Tractatus. In: WITTGENSTEIN, L. *Tratado Lógico Filosófico; Investigações filosóficas*. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. p. XI - XXXII .

REIS, Alcenir S. dos. Retórica-ideologia-informação: questões pertinentes ao cientista da informação? *Pespect. Cienc. Inf.*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 145-160, jul./dez. 1999.

RENDÓN ROJAS, Miguel A. R. Hacia um nuevo paradigma em bibliotecología. *Transinformação*, Campinas, v. 8, n. 3, p. 17-31, set./dez. 1996.

RUSSEL, Bertrand. Prefácio. In: WITTGENSTEIN, L. *Tratado Lógico Filosófico; Investigações filosóficas*. 3ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002. p. 1-24.

SHANNON, Claude E; WEAVER, Warren. *A teoria matemática da comunicação*. São Paulo: DIFEL, 1975.

SHERA, Jesse H. Sobre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. In: GOMES, Hagar Espanha (org.). *Ciência da Informação ou informática?* Rio de Janeiro: Calunga, 1980. 112 p. (Série Ciência da Informação), p. 91-105.

SOKOLL, Natalia; RIVIERA, Zoia. Ciencia de la información: un saber de relevante presencia matematica. *ACIMED*, Havana, v.14, n.2, mar./abr. 2006. Disponível em: <Disponível em: <http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_issues&pid=1024-9435&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 17 jun. 2007.

WALLNER, Friedrich. *A obra filosófica de Wittgenstein como unidade*: reflexões e exercícios em relação a uma nova concepção de filosofia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997. (Biblioteca Tempo Universitário; 100).

WERSIG, G. Information science: the study of postmodern knowledge usage. *Information processing and management*, v. 29, n. 2, p. 229-239, 1993.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Culture and value*. Oxford: Blackweall, c1980.

_____. *Investigações Filosóficas*. 2º ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Os Pensadores).

_____. *O livro azul*. Lisboa: Ed.70, 1992a.

_____. *O livro castanho*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1992b.

_____. *Observações filosóficas*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Da certeza*. Lisboa: ed. 70, 1990. (Biblioteca de filosofia contemporânea; 13).

_____. *Tratado Lógico Filosófico; Investigações filosóficas*. 3^a ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

ZUNDE, Pranas; GEHL, John. Empirical foundations of Information Science. *Annual review of information science and technology* (ARIST), v. 14, 67-92, 1972.

NOTAS

¹ Como alerta o pesquisador, a simultânea virada lingüística e pragmática do filósofo de Viena, junto de outras influências, como Peirce e Luhmann, tem ligação íntima com o pragmatismo informacional. (CAPURRO, 2003).

² As diferenças sensíveis nos escritos do filósofo – que fazem com que os intérpretes de sua obra o dividam correntemente em primeiro e segundo Wittgenstein - guardam alguns elementos abertos pela discussão do Tratado Lógico Filosófico. Assim, para o Wittgenstein do Tratado como para todo o pensamento do filósofo, a filosofia é uma “crítica da linguagem” (WITTGENSTEIN, 2002, p. 53) – como afirma Haller (1990, p. 78), a filosofia wittgensteiniana começou e permaneceu uma crítica da linguagem -, seu objeto é a “clarificação” dos pensamentos. Filosofia, pois, no pensamento wittgensteiniano em geral, “não é uma doutrina, mas uma atividade” (WITTGENSTEIN, 2002, p. 63), uma atividade de esclarecimento.

³ Podemos encontrar, na literatura epistemológica da CI, outros nomes. Estes, guardadas as suas nuances, procuram revelar a movimentação teórica dos estudos da informação na rota de uma filosofia da ciência voltada para a análise social e cultural das relações entre produtores e consumidores da informação. Entre os nomes, temos paradigma hermenêutico-retórico (CAPURRO, 1992), paradigma social (CAPURRO, 2003), enfoque pragmático (RENDÓN ROJAS, 1996), esfera comunicacional da CI (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1996).

⁴ São exemplos os estudos de Borko (1968) e Buckland & Liu (1995).

⁵ Gottlob Frege era considerado o maior lógico no período em que Wittgenstein realizou sua formação acadêmica; uma das principais argumentações fregianas era “considerar que as palavras possuem significado no contexto da proposição, e não isoladamente”. Frege pode ser considerado um dos pioneiros não só na lógica moderna, como na filosofia da linguagem como no século XX conhceremos (PINTO, 1998, p. 88-89). Bertrand Russel foi pioneiro na análise de conceitos (EDMONDS; EIDINOW, 2003, p. 248); segundo Hebeche (2004), Russel tem por base a filosofia da matemática, fundamentando o atomismo lógico, ou seja, corrente de pensamento baseada na lógica-analítica. Para Pinto (1998, p. 99), Russel tem como principal mérito propor, a partir do espírito de Frege, uma “forma lógica profunda a partir da qual a forma superficial das sentenças é explicada”.

⁶ Como o Império Austro-Húngaro, o ambiente da guerra contribuirá significativamente para a crítica da linguagem de Wittgenstein. As palavras de Duffy (2005, p. 372-373), descrevendo o cenário bélico onde o filósofo se encontrava com seu caderno de notas, refletem esta condição: “Formavam um exército ordinário e desmoralizado. Pior, era um exército dividido, composto de aproximadamente uma dúzia de nacionalidades diferentes e na maioria antagônicas. Metade de seus soldados não conhecia mais do que algumas poucas palavras essenciais de alemão: para falar com o croata, ele tinha de se dirigir ao tcheco, que se dirigia ao eslavo, que se dirigia ao húngaro, que falava com o croata – que entendia tudo errado”.

⁷ É importante pontuar, no entanto, que a leitura do Tratado sob o olhar da lógica sempre incomodou Wittgenstein. O filósofo procurou descrever sua primeira obra como uma argumentação ética, e não lógica. No entanto, as principais correntes de análise de seu pensamento inicial, em geral, preocuparam-se em apreender a obra a partir desta última perspectiva. “Longe de ser um positivista, entretanto, Wittgenstein tinha pretendido que o Tratado o fosse interpretado no sentido exatamente oposto. Onde os positivistas de Viena tinham equiparado o importante com o verificável e rechaçado todas as posições inverificáveis como desprovidas de importância porque indizíveis, a seção final do Tratado insistira – embora para ouvidos surdos – em que só o indizível tem autêntico valor” (JANIK; TOULMIN, 1991, p. 258). Deste modo, a crítica da linguagem do Tratado procura “estabelecer as condições lógico-trascendentais de possibilidade da linguagem”. (PINTO, 1998, p. 144).

⁸ Para estabelecer as relações lógicas de constituição da existência da proposição – a proposição que se pode dizer –, Wittgenstein estabelece uma teoria da função dos valores de verdade. As funções de verdade estabelecem a conexão entre as proposições elementares e aquelas não-elementares. Assim, o filósofo cria as tabelas de verdade, “onde as condições de verdade dessas relações de proposições encontram dois casos limites”: tautologia, quando é verdadeira para todas as possibilidades de verdade das proposições elementares; contradição, quando é falsa para todas as

possibilidades de verdade das proposições (CONDÉ, 1998, p. 58). Esta linguagem ideal, lembremos, continuará incomodando o filósofo, mesmo no âmbito em que os intérpretes de seu pensamento o classificam como segundo Wittgenstein. Em *Cultura e Valor*, ele refletirá: “Um poeta não pode realmente dizer de si ‘Eu canto como os pássaros cantam’ – mas talvez Shakespeare poderia ter dito isto de si” (WITTGENSTEIN, 1980). Neste fragmento, o filósofo transfere para a arte a linguagem ideal, demonstrando o transcendental vinculado não apenas à ética, como também à estética.

⁹ É importante notar que este apontamento, que muito estrutura a linha fisicalista e cognitivista da CI figura-se a base do criticismo de Frohmann (1992), ou seja, o foco da leitura crítica realizada em *O poder das Imagens*, que desvela sete pontos elementares para a revisão da CI: universalidade da teoria; referencialidade e reificação de “imagens”; internalização de representações; individualismo radical e anulação da dimensão social da teoria; insistência sobre conhecimento; constituição do cientista da informação como um profissional especializado – um expert – em negociação de imagem; razão instrumental, pautada pela eficiência, padronização, previsibilidade e determinação de efeitos.

¹⁰ Sobre o Círculo de Viena, alguns elementos são importantes para sua identificação, diante da importância que suas pesquisas representam. Moritz Schlick foi o fundador do Círculo de Viena, grupo de pesquisa do positivismo lógico, que negava a existência de Deus, do espírito e via o homem como mero agrupamento de células. Os filósofos que compunham o grupo, de uma forma geral, desconsideravam a metafísica, o moralismo e a filosofia, acreditando que essa rejeição era também uma mensagem do Tratado Lógico Filosófico. (EDMOND; EIDINOW, 2003, p. 159;171). É a partir de 1922 que os filósofos austríacos do Círculo de Viena, também conhecidos como empiristas lógicos, se reúnem, com foco de interesse marcado pela investigação da pesquisa científica. A superação da metafísica, para estes filósofos, estava na análise lógica da linguagem, que permitiria o estabelecimento de critérios de significação (HALLER, 1990, p. 27-28). As três concepções wittgensteinianas principais assumidas pelos positivistas lógicos de Viena era: a interpretação da lógica e das proposições lógicas; a teoria das proposições empíricas e a definição de filosofia, ou seja, a filosofia como crítica da linguagem (HALLER, 1990, p. 30-32). Haller (1990, p. 47) chama atenção para o fato de que os membros do Círculo “não aceitavam o rótulo positivistas nem de neopositivistas”, preferindo nomes como “empirismo racional” e “racionalismo empírico”.

¹¹ Ainda na década de 1920, porém, o filósofo dita a um datilógrafo os pensamentos posteriormente publicados como *Observações Filosóficas*, obra fenomenológica e verificacionista que marca os diferentes olhares que o filósofo passava a dar a filosofia (MONK, 1995, p. 268). Aqui, Wittgenstein (2005, p. 57) dirá: “a gramática proporciona à linguagem os graus necessários de liberdade”. É o princípio de um pensamento orientado para a dinâmica dos jogos de linguagem, para as palavras como ação, e não como representação; voltado para a fenomenologia dos jogos de linguagem, sua descrição em busca das regras sociais que constituem a gramática. (WITTGENSTEIN, 2005, p. 37).

¹² O Livro Azul, ditado aos alunos entre o ano escolar 1933-34, em Cambridge, parte de um questionamento central: o que é o sentido de uma palavra? (WITTGENSTEIN, 1992a, p. 25). Suas respostas para esta pergunta orientam-se já por uma ordem pragmática, e não formalista, como na obra Tratado Lógico-Filosófico. Aquilo que “anima o signo”, nos revela Wittgenstein (1992a, p. 30), “é a sua utilização”. Desta maneira, “dar uma razão para algo que se fez ou disse significa mostrar um caminho que conduz a esta ação”; em alguns casos “significa descrever o caminho que se utilizou”; em outros, “significa descrever o caminho que aí conduz e que está em conformidade com certas regras aceitas.” (WITTGENSTEIN, 1992a, p. 43).

¹³ O Livro Marron – traduzido para o português também como Livro Castanho e registrado pelos alunos de Wittgenstein no ano letivo de 1934-35 – aprofundará a noção e o método proporcionado pelos jogos de linguagem. Para o filósofo (WITTGENSTEIN, 1992b, p. 14), os jogos de linguagem não são “partes incompletas de uma linguagem”, mas “linguagens completas em si mesmas”, “sistemas completos da comunicação humana”. O que governa estes jogos de linguagem são as “regras”, tomando o termo “regra” em seu uso vulgar, ou seja, social (WITTGENSTEIN, 1992b, p. 25). Wittgenstein (1992b) também procura explorar com mais argumentos a noção de “linguagem primitiva” (p. 42), ou “palavras primitivas” (p. 101), ou seja, a partir de um olhar antropológico, apreende toda linguagem em sua construção coletiva, chegando até o conceito de “semelhanças de família”. O filósofo procura abordar a compreensão dos diferentes jogos de linguagem perguntando-se por um “sentimento de familiaridade” entre estes jogos (WITTGENSTEIN, 1992b, p. 67). Este sentimento é o esclarecimento dos fundamentos antropológicos da argumentação wittgensteiniana que se segue a publicação do Tratado Lógico-Filosófico, ou seja, quando imaginamos “o uso da linguagem”, estamos nos referindo a “uma cultura” (WITTGENSTEIN, 1992b, p. 76). Assim, pensada desta forma, a compreensão não é um processo mental da faculdade razão em si. Antes, a compreensão é “a experiência de compreender” (WITTGENSTEIN, 1992b, p. 101). Esta “experiência” é uma convergência entre “reconhecimento” e “familiaridade”, ou seja, a compreensão é um deslocamento contextual dentro de uma sociabilidade, ou “atmosfera” social (WITTGENSTEIN, 1992b, p. 115).

¹⁴ Segundo Edmonds & Eidinow (2003, p. 249), Russel chegaria a acusar Wittgenstein de reduzir a filosofia ao senso comum. No entanto, a grande preocupação no filósofo austríaco era chamar a nossa atenção para a “multiplicidade dos desempenhos linguísticos” (HALLER, 1990, p. 79). Além disso, Wittgenstein procurava desmistificar a primazia da ciência como única fonte de conhecimento, o que Boaventura Santos, em seu “Discurso sobre as ciências”, alertaria posteriormente, reconhecendo a necessidade de re-leitura do senso comum como uma outra ruptura epistemológica. Como afirma Wittgenstein (1992a, p. 58) no Livro Azul, “não utilizamos geralmente a linguagem de acordo com regras rigorosas”, uma vez que “ela não nos foi ensinada por meio de regras rigorosas”. Em outra passagem (WITTGENSTEIN, 1992a, p. 63): “é um erro afirmar que em filosofia consideramos uma linguagem ideal em contraste com a nossa linguagem comum. Isto poderia levar-nos a crer que podíamos fazer coisa melhor que a linguagem comum”.

¹⁵ Percebe-se a profunda visão antropológica das Investigações Filosóficas e das obras que cercam o pensamento nelas contido, relacionada, por exemplo, à experiência metodológica do “ouvir” e do “participar” para compreender do antropólogo no campo.

¹⁶ Mesmo os trabalhos voltados para o processo de “informação humana”, ou informação no jogo das relações sociais, como no estudo sobre os processos de aprendizagem – aquisição de informação – ou na análise da memória – estudo da natureza de constituição da memória dos indivíduos -, as análises quantitativas imperam. (ZUNDE & GEHL, 1972).

¹⁷ A pesquisadora se baseia na obra *As palavras e as coisas*, de Foucault.

¹⁸ A revisão de Hjorland (2005) sobre o empirismo, o racionalismo e o positivismo dentro da epistemologia da CI contribui para a clarificação desta influência implícita do positivismo lógico dentro dos estudos informacionais.

¹⁹ No âmbito das pesquisas contemporâneas no meio digital a chamada web semântica seria uma resposta de ordem tecnológica aos limites sintáticos mencionados de uma teoria matemática da informação. Esta web semântica ou internet de significados seria a possibilidade de abstração, a partir das ontologias, de mecanismos não-humanos de organização da informação. (FEITOSA, 2006)

²⁰ A metáfora do alarido aqui utiliza diz respeito à dinâmica de vozes simultâneas que produzem a comunicação no cotidiano de uso e interpretação das linguagens.